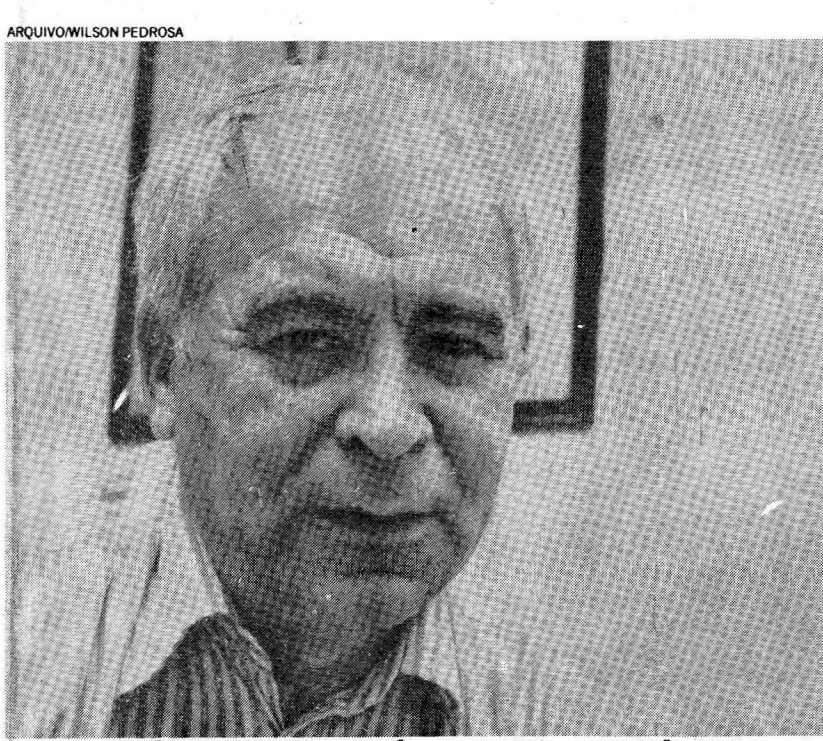


O boneco batizado como "professor Eudoro", símbolo da profissionalização da mídia dos sindicatos do DF. Página 6



O cinema-documentário perdeu Jean Manzon. Ele morreu em Portugal no domingo passado. Página 3

STOD

CORREIO BRAZILIENSE — BRASÍLIA, TERÇA-FEIRA, 3 DE JULHO DE 1990

Museu em estado de ressurreição

A arte de Alex Flemming, Sérgio Niculitcheff, Paulo Whitaker e Antonio Sérgio desembarca em Brasília numa operação que pode aproximar o MAB dos brasilienses

Mário Salimon

Quando um artista plástico de São Paulo vem pela primeira vez a Brasília, toma dois sustos. O primeiro é uma reação imediata aos espaços amplos e às formas arquitetônicas quase sempre instigantes. O segundo é com o marasmo cultural e o pouco aproveitamento desses tão preciosos espaços. Também tudo tão disperso, dizem, são todos tão dispersos. Que não seja esta a desculpa. É intenção de Cláudio Telles, o novo Coordenador dos Museus e Galerias da Fundação Cultural, reativar o músculo artístico antes que padeça de tanta câimbra, e a primeira tacada é uma exposição vinda diretamente do Museu de Arte Moderna de São Paulo.

Até ontem pela manhã, ainda não havia chegado o lote de trabalhos e Cláudio, bem humorado, disse que o perigo era um novo caso *Baton e Para-que-das*, peça encenada há duas semanas no Teatro Nacional e que teve sua estréia adiada por conta de um atraso na chegada dos cenários. A abertura da exposição, que poderá ser visitada até o dia 29 de julho, será hoje às 19h e marcará uma nova fase na história dos museus de Brasília, principalmente do Museu de Arte, que andou esquecido em seu canto à beira do lago. Para os que não conhecem o caminho do MAB, o DOIS publica um mapa veja ao lado onde estão os tesouros como obras de Tomie Othake, Aíthos Bulcão, Amílcar de Castro e muitos outros que fazem parte do seu acervo permanentemente.

Modismas — As telas de Alex Flemming, Paulo Whitaker, Sérgio Niculitcheff e Antônio Sérgio dão mostras da pluralidade de idéias reinante em *sampa*. Embora os quatro não formem um grupo esteticamente direcionado, há um interesse comum pela "pintura-pintura", que Alex define como uma produção durável, desligada de modismos, e que tem como meta buscar novas soluções para o aproveitamento da bidimensionalidade da tela. Todos por volta dos 30 anos, os artistas estão preocupados com a dimensão da divulgação de sua obra e demonstram interesse em viajar muito com sua exposição, embora ainda não tenha planos feitos para isso.

Alex Flemming é o que tem o currículo mais extenso. Há 15 anos expõe individualmente, já tendo mostrado seu trabalho em Portugal, Espanha, Alemanha e Estados Unidos, onde esteve em Washington com suas telas. Para ele, "a pintura é uma representação simbólico-metáforica", e a figura humana é o motivo principal. Sua obra mais recente é baseada em manuais de anatomia, a cujas figuras são revistas com uma linguagem contemporânea, "simbolizando nossa decadência presente ou futura". Sua série anterior, exposta em Chicago, Lisboa, e Rio mostrava uma série de múmias inspiradas no trabalho de Athanasius Kircher, fundador dos museus do Vaticano e que, em 1602, primeiro submeteu as relíquias arqueológicas a estudos científicos.

A fim de chacoalhar a cidade, Alex montou algumas de suas obras de grandes dimensões em jamantas da Granero e percorreu São Paulo numa exposição itinerante que incluiu até as portas do Aeromanta, reduto musical tido como um dos mais importantes do País. "Era minha intenção fazer uma intervenção urbana com a arte", explica o artista que, junto com Paulo Whitaker veio para o lançamento da exposição. Paulo vem sendo notado pelos críticos de arte e é hoje consi-

FOTOS: WANDERLEI POZZEMBOM



Whitaker, Cláudio Telles e Alex Flemming dentro do Museu de Arte de Brasília. Acima, uma tela de Flemming que participou do projeto de arte itinerante com as jamantas da Granero. A exposição montada no MAB fica aberta ao público até o próximo dia 29 de julho. A abertura é hoje a partir das 19h

Onde fica o Museu de Arte de Brasília



derado um dos valores das artes plásticas de São Paulo. Ele divide com outros artistas um atelier em Santa Cecília onde, nos 500 metros quadrados de galpão, procura discutir, através de sua arte, conceitos de composição não ortodoxos.

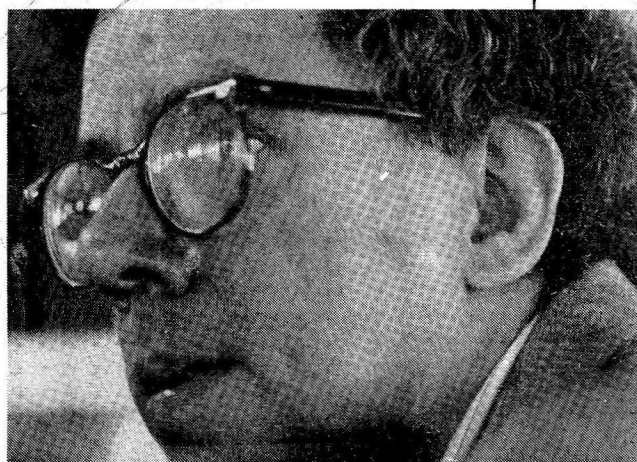
Tipo Jacaré — Tanto Paulo como Alex arriscam um comentário sobre o que rola (ou não rola) na capital. Foi num salão em Santos, há algum tempo que Paulo viu o pessoal de Goiânia arrebatando os prêmios em todas as categorias. "Era um trabalho com características regionais, do tipo do jacaré que virou bolsa", conta. Brasília fica bem no meio de Goiás, mas é bem claro o preconceito, e a turma que veio fazer a capital prefere assumir outra identidade. Já Alex sugere a presença do *visiting artist*, figura conhecida nos EUA e na Europa. Um artista conhecido vem passar um mês na cidade e, nesse tempo, dá oficinas e aulas para os interessados. Se não o fazem com os artistas daqui, quem diria com os de fora.

Com certeza, não é só por aí, mas o ânimo de quem vem da capital brasileira das artes plásticas enche a bola de quem anda querendo mudar o rumo da cultura local. Um a um, os espaços vão sendo reativados e, um dia, Brasília descobrirá sua identidade. Paulo diz que "em cidade conservadora se dá bem quem tem coragem de ousar" e é por isso que a marca dessa cidade ainda continua sendo, apesar de uma certa caduquice, o bom e velho rock.

Cláudio Telles: para repor a credibilidade

Coordenar as atividades dos museus e galerias da cidade é o tipo de pepino que só seria mesmo aceito por alguém muito chegado às artes plásticas. É o caso de Cláudio Telles, que durante cinco anos cuidou da Galeria Espaço Capital, da 405 Sul, que sempre teve como meta em seus trabalhos a formação de um bom público e a veiculação das obras que selecionava para seu espaço. Em março deste ano, resolveu interromper as atividades por dificuldades na manutenção da programação e, antes mesmo de retomar idéias de revitalização de seu escritório de artes, foi convidado para assumir o comando dos museus e galerias da Fundação Cultural.

Todo mundo sabe que a idéia corrente acerca de museus é a de que estes são depósitos de velharias históricas, o que é muito errado. Ao lado de documentos importantes, estão sempre peças artísticas contemporâneas de grande importância, sem contar o fato de que há geralmente uma programação flexível de exposições e outras atividades dirigidas à comunidade. "Minha função principal", explica Cláudio, "é reestabelecer o crédito dos espaços à disposição da Fundação que, por estarem desativados ou mal uti-



Cláudio Telles: ex-Espaço Capital

lizados nos últimos anos, fizeram com que a população perdesse o hábito de visitá-los".

Para ele, a solução deste problema está na organização de boas exposições e na constância desse trabalho. Ele contará com os dirigentes da Secretaria da Cultura e da Fundação Cultural, Márcio Cotrim e Sônia Moura, respectivamente, para fazê-lo, e é também um dos itens, dentre as atividades, a criação de um programa de visitas junto às escolas e universidades para desenvolver um maior interesse nos alunos acerca das artes.